

Manifesto por ocasião da V Jornada Mundial dos Pobres

Nós, da Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Sociotransformadora da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), das Pastorais Sociais e dos Organismos da Igreja no Brasil, em atenção ao chamado do papa Francisco para a celebração do *V Dia Mundial dos Pobres*, vimos realizando, desde o dia 14 de setembro, a *V Jornada Mundial dos Pobres*, razão pela qual apresentamos este Manifesto.

Denunciamos o cenário vergonhoso de descaso e de sofrimento dos pobres que se instaurou em no Brasil. Observamos o aumento exponencial de pessoas em situação de empobrecimento e o agravamento do que os especialistas chamam de “pobreza extrema”.

O motivo de nosso protesto é impulsionado pelo convite do papa Francisco, em sua mensagem para o *V Dia Mundial dos Pobres*, celebrado no dia 14 de novembro deste ano, que nos convoca à reflexão: “Sempre tereis pobres entre vós” (Mc 14, 7). O pobre sempre está entre nós, no entanto, não podemos nos conformar com a indiferença, naturalizar a pobreza e aceitar o desmonte de ações de proteção social aos empobrecidos que vêm ocorrendo no Brasil. Isso tudo, em nome de um poder econômico e de interesses políticos que causam morte.

Potencializamos o clamor que vem dos territórios: dos povos originários e comunidades tradicionais, que sofrem os impactos das invasões e grilagens de suas terras, águas e florestas, destruindo suas vidas, culturas, ancestralidades e identidades. Além desses impactos econômicos e socioambientais, enfrentam a onda de violência no campo e os impactos do preconceito e do racismo.

Reconhecemos nossa responsabilidade com o cuidado e a defesa da vida, especialmente dos mais pobres. Por isso, manifestamos nosso repúdio à condição degradante a que é submetida essa parcela da sociedade, com a subtração dos direitos básicos como moradia, saúde, habitação e alimentação. Tal condição se soma à humilhante marca de 15 milhões de pessoas desempregadas e de tantas outras jogadas na informalidade, desalentadas, em condições precárias e de subemprego.

Na questão da moradia, a população pobre não tem condições de pagar o aluguel e é, muitas vezes, submetida às ordens de despejo. Há uma legião de pessoas em situação de rua, à mercê do tráfico e da violência, como únicas formas de sobrevivência; há milhares de migrantes e refugiados em situação de alta vulnerabilidade agravada pela pandemia; as cadeias públicas e presídios estão abarrotados de jovens, a maioria deles pobres, negros, periféricos e muitos indígenas trancafiados por um sistema carcerário que não diferencia homens e mulheres e não lhes garante condições mínimas de sobrevivência e possibilidade de reinserção social.

A pandemia, causada pela Covid-19, afetou todo o planeta, ceifando milhões de vidas, dentre as quais, mais de 610 mil em nosso país, deixando outras milhões de famílias enlutadas e milhares de órfãos. Estas viram seus entes queridos partirem precocemente por conta do descaso dos governantes brasileiros que deixaram prevalecer a ideologia perversa de um negacionismo que mata e deixa morrer.

Manifestamos nossa indignação, por entender que tal quadro não é fruto do acaso, mas fruto de opções governamentais alicerçadas no modelo econômico neoliberal, consequência perversa do capitalismo, que vem empurrando mais de 19 milhões de pessoas para a linha da miséria absoluta, somando-se a outros 100 milhões de brasileiros que estão em estado de insegurança alimentar.

O resultado visível são os flagrantes de pessoas em filas na busca por ossos de animais para se alimentarem ou à procura por comida em caminhões de lixo. São famílias inteiras nesta cena deprimente, na disputa pela sobrevivência, revelando uma triste e inconcebível crise humanitária.

Diante de tal quadro, reivindicamos que nossos governantes se sensibilizem, se comprometam e cumpram o que prevê a nossa Carta Magna, a Constituição Federal, quando estabelece os objetivos fundamentais da República Brasileira:

- Construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- Garantir o desenvolvimento nacional;
- Erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais.

O impacto da pandemia sobre a humanidade revela o quanto a vida é tênue e a sobrevivência de cada ser humano depende do esforço criativo de todas as pessoas. E, mais, deixa-nos uma severa lição: tudo está interligado e é urgente colocarmos em prática instrumentos e sistemas de equidade que garantam a preservação da vida e a sobrevivência de nossa Casa Comum, o planeta Terra.

Convocamos cristãs e cristãos, mulheres e homens de boa vontade, a exercemos com firmeza e a fazermos um coro em uníssono denunciando estas injustiças e assumirmos, em nossas vidas, as recomendações do papa Francisco para que enfrentemos e afirmemos corajosamente e com profetismo:

“Não à uma economia de exclusão”.

“Não à cultura descartável” (EG, n. 53).

“Não à globalização da indiferença” (EG, n. 54).

“Não à idolatria do dinheiro” (EG, n. 55).

“Não à especulação financeira” (EG, n. 56).

“Não ao dinheiro que domina ao invés de servir” (EG, n. 57).

“Não à desigualdade social que gera violência” (EG, n. 59).

Brasil, novembro de 2021
Dia Mundial dos Pobres

